

## Atlas Lingüístico do Brasil (Alib): perspectivas teórico-metodológicas

Ismael Pontes

Departamento de Letras Vernáculos e Clássicos, Campus Universitário, CP 6001, 86051-990, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-Paraná, Brazil. e-mail: pontes@uel.br

**RESUMO.** Neste trabalho, discutiremos a importância das perspectivas teórico-metodológicas que têm orientado as atividades do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - Alib. Para isso, tomaremos como base o *Workshop sobre Técnicas e Métodos de Trabalho de Campo para Preparação de Inquiridores para o Atlas Lingüístico do Brasil*, realizado em Salvador, Bahia, no período de 6 a 10 de setembro de 1999.

**Palavras-chave:** Atlas Lingüístico do Brasil, perspectivas teórico-metodológicas.

**ABSTRACT. Brazilian Linguistic Atlas: Theoretical and methodological perspectives.** The importance of the theoretical and methodological perspectives which have guided the activities of the Brazilian Linguistic Atlas Project, based on the workshop on *Field Work Techniques and Methods to Prepare Interviewers for the Brazilian Linguistic Atlas* held in Salvador, state of Bahia, Brazil, September 6 through 10, 1999, are discussed in this paper.

**Key words:** Brazilian Linguistic Atlas, theoretical and methodological perspectives.

Desde 1952, os dialetólogos brasileiros têm manifestado o desejo de elaborar o Atlas Lingüístico do Brasil. No entanto, ao que nos parece, fatores como o número reduzido de pesquisadores na área, dificuldades de acesso a muitas regiões do País e a falta de uma política lingüística do governo e das próprias universidades são algumas das barreiras que têm impedido esses incansáveis estudiosos de realizarem tão gigantesco desafio. Todavia, a semente por eles plantada, há meio século, tem produzido frutos valiosos sobre o conhecimento da língua portuguesa falada no Brasil, entre os quais, podemos mencionar os cinco atlas estaduais concluídos e publicados: o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul e o Atlas Lingüístico do Ceará, cujas publicações devem sair em breve, os atlas estaduais como do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Pará e Acre ainda em andamento, e outros sobre regiões menores, como o Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro, além das pesquisas desenvolvidas como dissertações de mestrado ou teses de doutoramento. Tais trabalhos são de fundamental importância para a geolingüística brasileira; pois, além de reacender, entre os estudiosos, o desejo de realizar o Atlas Lingüístico do Brasil, têm lhes dado coragem e proporcionado a

experiência necessária para assumir, hoje, o desafio que está por ser vencido desde a década de 50.

Formalmente, um grupo de geolingüistas assumiu esse desafio em Salvador, em novembro de 1996, no seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil* (Cardoso 1998, p. 165). Nesse seminário, criou-se um Comitê Nacional, o qual ficou encarregado de conduzir o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - Alib. *Esse comitê foi constituído com representantes de cada um dos atlas publicados e com um representante dos atlas em curso: Jacyra Mota (UFBA), Maria do Socorro Aragão (UECe), Mário Zágari (UFJF), Suzana Cardoso (UFBA), Vanderci Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRS) (Idem, p. 166).* O grupo elegeu a professora Suzana Cardoso presidente nacional do Alib e os demais membros diretores científicos. Desde então, esse grupo tratou das questões referentes tanto à elaboração quanto à implementação do projeto. Seguidas reuniões foram realizadas pelo Comitê Nacional com o objetivo de discutir cada uma das partes que compõem o Projeto do Alib como: os questionários que serão usados como instrumento na coleta de dados, a definição da rede de pontos em que se realizarão os inquéritos, o número de informantes estabelecido para cada ponto, características dos falantes que poderão ser

tomados como informantes e pressupostos teórico-metodológicos que nortearão a pesquisa.

Pesquisadores de diferentes regiões do País, ligados ou não aos atlas regionais em andamento, têm se interessado em fazer parte da equipe do Alib. Isso, por um lado, fortalece essa equipe, pois é importante que se tenham representantes do projeto em todas as regiões do País. Por outro lado, porém, reúne num mesmo grupo pesquisadores com a mais variada formação - geolinguistas ou não -, que vêm a variação linguística também de modo bem particular. Esse constitui mais um desafio para o Comitê Nacional. Parece-nos que a melhor forma de se desenvolver os trabalhos do Alib sem perder de vista a unidade no projeto é promover constantes discussões entre os pesquisadores. Um primeiro passo já foi dado nesse sentido, o Comitê Nacional realizou, em Salvador (Bahia), no período de 6 a 10 de setembro de 1999, um "Workshop sobre Técnicas e Métodos de Trabalho de Campo para Preparação de Inquiridores para o Atlas Linguístico do Brasil" do qual participaram não apenas seus membros mas também os pesquisadores de todas as regiões do País interessados no projeto e seus respectivos bolsistas.

O principal objetivo do evento era preparar os bolsistas que deverão fazer a coleta de dados numa rede de 250 pontos do País estabelecidos pelo Comitê Nacional. No entanto, muito mais do que treinamento de inquiridores, o evento constituiu-se numa profunda reflexão dos pesquisadores sobre aspectos essenciais do Projeto do Alib e da pesquisa geolinguística no Brasil. As discussões que se fizeram, principalmente devido às diferentes perspectivas teórico-metodológicas dos pesquisadores lá presentes, por um lado, enriqueceram os debates, mas, por outro, mostraram o desafio que será desenvolver, sob os mesmos parâmetros teórico-metodológicos, um projeto do qual participem geolinguistas de variada formação, além de sociolinguistas, lexicógrafos, entre outros. Assim, os resultados desse encontro foram de extrema relevância tanto para os pesquisadores quanto para o próprio desenvolvimento do Projeto do Alib, pois nele foi possível conhecer as dificuldades em comum a serem enfrentadas pela equipe, os caminhos a serem trilhados e ainda avaliar as perspectivas que nos nortearão.

Neste trabalho, escolhemos para análise, entre os vários aspectos que se tornaram relevantes no *Workshop* de Salvador, as três principais perspectivas da geolinguística que nortearam as discussões lá ocorridas. Buscaremos mostrar a importância da pluralidade teórico-metodológica no âmbito do Alib e como ela tem sido articulada pelo Comitê

Nacional. Não constitui objetivo deste trabalho fazer uma pesquisa exaustiva sobre a produção científica e formação dos pesquisadores do Alib, mas apenas apresentar o que nos foi possível conhecer através das palestras e trabalhos em grupo realizados nesse primeiro encontro, complementando algumas informações com dados extraídos de publicações dos pesquisadores da equipe.

### As perspectivas teórico-metodológicas no Projeto do Alib

A diversidade teórico-metodológica encontrada no âmbito do Projeto do Alib, além de maior do que aquela apresentada aqui, não é fácil de ser delimitada. Desse modo, trataremos, neste trabalho, de três perspectivas depreendidas sem maiores problemas entre os membros do Comitê Nacional do Alib<sup>1</sup>: (1) a primeira perspectiva - *geolinguística tradicional* - reúne aqueles estudiosos cujo objeto primeiro de análise é variação diatópica; (2) à segunda - *geosociolinguística* - pertencem os pesquisadores que, além da dimensão diatópica da variação, consideram também a dimensão diastrática; (3) a terceira - *geolinguística pluridimensional* - refere-se aos modernos pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística, tal como propõem Radtke e Thun (1999).

**A geolinguística tradicional.** *Geolinguística Tradicional* talvez não seja a denominação mais apropriada para a perspectiva teórico-metodológica na qual incluiremos a maioria dos autores dos atlas publicados; pois esses estudiosos têm adotado, em suas pesquisas mais recentes, métodos e técnicas modernos que, muitas vezes, diferem daqueles empregados nos atlas por eles elaborados. No entanto, essa denominação nos parece satisfatória à medida que permite reunir num mesmo grupo aqueles geolinguistas cujo interesse primeiro identifica-se com a prática mais antiga da pesquisa geolinguística - o estudo da dimensão diatópica da variação. Embora possa haver equívocos em nossa classificação, consideramos que se situam nessa perspectiva os seguintes membros do Comitê Nacional: Jacyra Mota e Suzana Cardoso, autoras do Atlas Linguístico de Sergipe; Maria do Socorro Aragão, autora do Atlas Linguístico da Paraíba; e

<sup>1</sup> Não trataremos de outras perspectivas teórico-metodológicas pelos seguintes motivos: (a) acreditamos que prevalecerão no projeto as perspectivas seguidas por membros do Comitê Nacional, isso porque adotar outras perspectivas na situação de desenvolvimento que se encontra o Alib, implica recomençar a maior parte das atividades do projeto; (b) temos dificuldades em definir as posições teórico-metodológicas de alguns pesquisadores.

Vanderci Aguilera, autora do Atlas Lingüístico do Paraná.

Acreditamos que a análise do perfil científico de um representante desse grupo será suficiente para se ter uma visão, pelo menos parcial, dos pressupostos teórico-metodológicos da *geolingüística tradicional*. Para caracterizar essa perspectiva, escolhemos, então, a autora do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR - cuja produção científica melhor conhecemos. Além disso, participamos juntos de tarefas de transcrição fonética de entrevista-teste do Alib, publicamos em co-autoria o resultado das discussões que fizemos, durante um semestre, sobre a reformulação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do Alib (Pontes e Aguilera 1999), e estamos sempre em contato como colegas do Departamento de Letras da Universidade de Londrina e pesquisadores ligados ao projeto do Alib.

Ao nosso ver, vários aspectos evidenciam que o Atlas Lingüístico do Paraná foi elaborado sob os parâmetros da *geolingüística tradicional*. Segunda sua autora “com base nos princípios da dialetologia tradicional, quatro pontos fundamentais nortearam a elaboração do ALPR:” documentação cartográfica da variação lexical (Aguilera 1994), das variantes fonéticas, busca de delimitação de isoglossas e organização de um glossário (*Idem* 1998:101). No volume do ALPR publicado em 1994, contemplaram-se os três primeiros desses quatro pontos. A documentação cartográfica da variação lexical tem como objetivo registrar a distribuição diatópica da variação lexical no dialeto rural paranaense. Por outro lado, fez-se uma

*documentação cartográfica da distribuição espacial das várias realizações fonéticas de um número significativo de vocábulos, previamente selecionados com o objetivo de se traçarem as linhas de isófonas no Paraná*. “A partir da análise das cartas lexicais e fonéticas foram elaboradas algumas cartas isolexicais e isofônicas para, numa síntese, retratar a abrangência diatópica das formas mais significativas estudadas. (Aguilera 1998:102)

Ao que nos parece, a autora do ALPR continua, atualmente, privilegiando, em suas pesquisas, a variação espacial. Todavia, tem adotado procedimentos metodológicos da sociolingüística e até mesmo propõe algumas críticas à *geolingüística tradicional*. Num trabalho recente (Aguilera, 1997:16-17), cujo objetivo era delimitar áreas dialetais no Paraná, no nível do léxico, ela considera que “essa análise superficial, impressionista - a análise tradicionalmente praticada pelos *geolingüistas* - levou-me a buscar uma metodologia mais científica que permitisse chegar a discussões mais precisas” (p. 16-17).

Então utiliza-se da análise estatística do pacote Varbrul - procedimento metodológico tomado à sociolingüística variacionista - para delimitar a distribuição diatópica de quatro variáveis lexicais. E na conclusão de seu trabalho afirma:

*A medida que a Dialetologia e a Sociolingüística aperfeiçoam os métodos de análise, sobretudo quantitativo, maior segurança emprestam aos estudiosos da geolingüística. O programa Varbrul, como se pôde observar, permite uma avaliação mais segura da distribuição diatópica das variantes lingüísticas. (Idem:21).*

Embora adote procedimentos metodológicos da sociolingüística na pesquisa *geolingüística* os quais considera mais modernos e cientificamente mais confiáveis, Aguilera pode, ao nosso ver, ser considerada uma representante da perspectiva denominada, neste trabalho, *geolingüística tradicional*. As palestras por ela proferidas no simpósio *O Atlas Lingüístico do Brasil: o que têm revelado os inquéritos experimentais*, realizado no II Congresso Nacional da Abralín, em 26 de fevereiro deste ano, em Florianópolis, e no *workshop* realizado em Salvador sobre os primeiros resultados de um extrato do questionário semântico-lexical (QSL) do Alib aplicado nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Bahia, Ceará e Maranhão, notamos que sua maior preocupação é ainda a dimensão diatópica da variação lingüística. Apresenta, por exemplo, a distribuição espacial das formas variantes *mandioca*, *aipim*, *macaxeira* e *coruda*, registradas como respostas à questão nove do (QSL) do Alib, nos Estados em que se coletaram tais dados. Segundo os dados de que dispõe Aguilera, o item *mandioca* é usado na maior parte do território brasileiro: registra-se em todos os Estados, exceto Rondônia e Rio Grande do Sul. *Aipim* é o único item usado no Rio Grande do Sul referindo-se a esse conceito, concorrendo com *mandioca* e *macaxeira* na Bahia. Já *macaxeira* ocorre nos Estados do Nordeste e em Rondônia. E *coruda* é uma das formas encontradas no Maranhão<sup>2</sup>.

Essa perspectiva parece constituir a base metodológica do projeto do Alib, pois, embora os dados que serão levantados para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil possam ser estudados de muitos pontos de vista, a tarefa mais urgente para ser feita pela *geolingüística* é delinear com a maior sistematicidade possível as variedades dialetais diatópicas do Brasil.

<sup>2</sup> Essas e outras variantes lexicais foram apresentadas pela autora, em ambos os eventos, através de cartas *geolingüísticas*.

**A geosociolingüística.** Um grupo de pesquisadores, ligados ao Alib, entende que a variação lingüística deve ser estudada a partir de uma combinação das dimensões diatópica e diastrática. Observam-se características dessa perspectiva no discurso e na produção científica de alguns pesquisadores ligados aos atlas estaduais em andamento, como Dercir de Oliveira membro da equipe que está elaborando o Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul - ALMS - e Mário Zágari, autor do esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG - e membro do Comitê Nacional do Alib. A compatibilização entre métodos da geolingüística e da sociolingüística já é adotada pela equipe de Zágari no início dos anos noventa quando realizou-se uma nova pesquisa de campo nas regiões em que se coletaram os dados para elaboração do EALMG. Num trabalho, intitulado *Os Falares Mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*, desenvolvido a partir da nova coleta, Zágari afirma: “No presente trabalho, tenta-se conciliar, sem se confundir, métodos tradicionais da pesquisa lingüística, tanto aqueles advindos da Geolingüística como os mais modernos, procedentes da Sociolingüística norte-americana.” (Zágari, 1998:31)

Os procedimentos metodológicos da sociolingüística laboviana transparecem em muitos pontos da segunda etapa do EALMG, por exemplo, na escolha dos informantes e na apresentação das cartas. Adotaram-se, na seleção dos informantes, os seguintes critérios advindos da sociolingüística: dois níveis de escolaridade, até 3ª série do 1º grau e curso superior; ambos os sexos; e em relação à idade, compararam-se dados levantados em duas épocas com intervalo de vinte anos. Nas cartas geolingüísticas sobre o EALMG elaboradas com a junção dos dados coletados em 1973-4 e os levantados em 1993-4, apresentam-se os fenômenos de variação levando em conta, simultaneamente, a dimensão diatópica e diastrática. Para isso, em cada ponto representado na carta, utiliza-se uma notação gráfica em forma de cruz, na qual se coloca, ao lado esquerdo, os dados referentes ao sexo masculino e à direita os referentes ao sexo feminino, na parte superior, os dados referentes aos informantes com nível de instrução superior e, na parte inferior, os dados referentes aos informantes com escolaridade até 3ª série primária.

Por outro lado, a coleta de dados em dois momentos com intervalo de vinte anos parece ter como objetivo investigar se os fenômenos de variação representam processos de variação estáveis ou mudança em progresso. Isso mostra que, além de procedimentos metodológicos, adotam-se também pressupostos teóricos (princípios da mudança

lingüística) da sociolingüística laboviana. Sabe-se que a sociolingüística, há décadas, tem assumido a tarefa de investigar se um processo de variação constitui variação estável ou mudança lingüística. Desse modo, nessa nova etapa do EALMG, busca-se tratar tanto de questões estritamente da geolingüística quanto de questões inerentes à sociolingüística.

As cartas 1, 8, 9, 10 e 11 apresentadas como anexos em Zágari (1998:46-54) são exemplos de análises que buscam, ao mesmo tempo, depreender a dimensão diastrática e explicar a variação diastrática dos fenômenos lingüísticos. A carta indica a existência de três falares no Estado de Minas Gerais: falar baiano, ao norte; falar mineiro, ocupando uma área que vai desde a região central do Estado até a fronteira com Espírito Santo; e o falar paulista que constitui uma faixa ocupando quase toda a fronteira com o Estado de São Paulo. Já as cartas 8, 9, 10 e 11 mostram que em 1973-4 a pronúncia predominante era  $\text{w} \rightarrow \text{v}$ , mas em 1993-4 passou a  $\text{w} \rightarrow \text{v}$ , ou seja, evidencia-se um processo de mudança num intervalo de vinte anos. Por outro lado, o maior índice da forma com apagamento da semivogal [w], tanto no primeiro período quanto no segundo momento, ocorre entre falantes com menos escolaridade. Esses procedimentos da análise sociolingüística indicam que o processo de mudança se implementa a partir do grupo social com nível de instrução até 3ª série primária.

Essa postura teórico-metodológica se revela também no discurso de Zágari. Observamo-na em duas palestras por ele proferidas recentemente - a primeira foi apresentada no Simpósio *O Atlas Lingüístico do Brasil: o que têm revelado os inquéritos experimentais*, no II Congresso Nacional da Abralín, em 26 de fevereiro, na Universidade Federal de Santa Catarina, e a segunda no *workshop do Alib*, realizado em Salvador - e nos trabalhos em grupo dos quais temos participado. Além da preocupação em tratar da variação lingüística, simultaneamente, na dimensão diatópica e diastrática, Zágari tem se interessado pela hipótese da sociolingüística laboviana em relação à dimensão diacrônica: no *workshop do Alib*, propôs, seguidamente, que se utilizassem dados do presente para explicar o passado, hipótese essa defendida por Labov, inclusive em trabalhos recentes (Labov, 1994).

Essa compatibilização entre geolingüística e sociolingüística é admitida pelo Comitê Nacional do Alib, o qual propõe que:

*é urgente que se enfrente a descrição da realidade lingüística brasileira no seu plano geográfico e o melhor caminho, para esse conhecimento de amplitude*

*continental, parece ser o que propõe a Dialectología, concebida não como um ramo dos estudos lingüísticos voltado exclusivamente para as questões diatópicas, mas partindo-se do princípio, como bem assinalou Lope Blanch (1978:53-4), de que 'La dialectología puede, evidentemente, beneficiarse mucho com las aportaciones de la sociolingüística, como de hecho ya se há estado beneficiando. El progreso metodológico que há esbalecido la sociolingüística com su rigurosa y detenida consideración de factores sociológicos antes sólo superficialmente atendidos por la dialectología, es aportación de primera magnitud, que la actividade dialectológica habrá de tener ahora muy en consideración (Cardoso et al., 1998:5).*

A geo-sociolingüística parece, até o momento, ter contribuído de modo significativo no projeto do Alib. Vários procedimentos metodológicos da *geolingüística tradicional* foram repensados à luz de métodos e técnicas modernos da *geolingüística* e da *sociolingüística*, os quais melhor retratam a realidade lingüística brasileira atual. Por exemplo, tendo em vista a migração da população rural para os centros urbanos que ocorreu nas últimas décadas, substituíram-se os falantes rurais, tradicionalmente inquiridos nas pesquisas *geolingüísticas*, pelos urbanos. A variável idade dividida em duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 45 a 70, em combinação com a variável sexo permitirá aos pesquisadores, através de comparações em *tempo aparente*, deprender quais fenômenos de variação constituem mudança lingüística em progresso e quais são casos de variação estável. Outro procedimento inovador no projeto do Alib, cuja proposta também advém dos pesquisadores ligados à *geosociolingüística*, é a definição da rede de pontos de inquéritos a partir de um levantamento da densidade demográfica de todas as regiões do Brasil.

**A geolingüística pluridimensional.** Embora a *geolingüística pluridimensional* apresente os mais modernos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa *geolingüística*, não é uma perspectiva prevalente no projeto do Alib. No *workshop* do Alib, realizado em Salvador, teve como único defensor o professor Cléo Altenhofen da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A *geolingüística pluridimensional* é concebida como *ciência geral da variação* (Radtke e Thun, 1999:35). Nessa perspectiva, além da dimensão diatópica, principal parâmetro de variação estudado pelos *geolingüistas*, e das dimensões diatrática, diageracional, diassexual de certo modo exploradas em alguns pesquisas *geolingüísticas* no Brasil, tem-se como objetivo investigar também a dimensão diafásica, o saber metalingüístico, entre outros; e, ainda, propõe-se

uma subdivisão da dimensão diatópica em topostática e topodinâmica.

A dimensão diafásica pode ser analisada no estudo *geolingüístico* se, na pesquisa de campo, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas com estrutura “*resposta a perguntas*” e outras que elicitam “*textos narrativos*” (Radtke e Thun, 1999:39-40). O saber lingüístico refere-se à atitude do falante em relação à língua. Essa dimensão pode ser controlada através de perguntas que levem o informante a dar *opinião* sobre a linguagem, ou seja, dizer que variante considera *correta* ou melhor. Já a topostática e a topodinâmica têm como objetivo abordar, “*de maneira tradicional, os grupos de falantes fixos à localidade, o segundo, os falantes móveis, cuja existência não pode ser ignorada pela geografia lingüística, se esta não quer fechar os olhos à vida moderna (Idem:41).*” Para dar conta dessas duas subdimensões diatópicas, deve-se inquirir informantes fixos a uma determinada região, tal como se tem feito na *geolingüística tradicional*, e informantes que tenham morado até certa idade numa região, mas que atualmente vivem em outra região.

Mesmo não estando explícito o propósito de se estudarem todas as dimensões da variação lingüística propostas pela *geolingüística pluridimensional*, o Comitê Nacional do Alib dá ênfase à importância de se considerar os mais modernos pressupostos e procedimentos tanto da *geolingüística* quanto da *sociolingüística* no projeto do Alib. Afirmam que:

*Sob essa ótica, a Dialectología não produzirá resultados geolingüísticos caracterizados, como bem definiram Elizaincín e Thun (1922:128-9), como 'monodimensionais, monostráticos, monogeracionais e monofásicos', mas permitirá alcançar-se um padrão de informação que contemple diferentes dimensões em que se põe a variação lingüística: a diatópica, a dastrática e a diafásica, nada obstante reconhecer-se que outros subtipos variacionais podem ser estabelecidos.”... “Dessa tarefa pode desincumbir-se a geolingüística pois como afirmam Thun, Forte e Elizaincín (1989: 28): el Atlas lingüístico tiene la obligación y es además capaz de dar una imagen de la multidimensionalidad y de las interrelaciones de los fenómenos variacionales. (Cardoso et al., 1998:5-6).*

Desse modo, é importante que participem do projeto pesquisadores com essa orientação teórico-metodológica. Pois, nas pesquisas de campo que serão realizadas pela equipe do Alib, podem-se adotar alguns procedimentos os quais permitirão aos estudiosos explorar, em pesquisas futuras, esses parâmetros da variação.

### A Articulação da diversidade teórico-metodológica no projeto do Alib

A diversidade de perspectivas no âmbito do projeto do Alib, por um lado, tende a enriquecer e aperfeiçoar o aparato teórico-metodológico que norteia a pesquisa, mas por outro lado, o Comitê Nacional tem o desafio de conduzir as tarefas de modo que a equipe tire o maior proveito dos conhecimentos e experiências advindos dessas diferentes perspectivas, mas sem perder de vista os objetivos essenciais do projeto:

*descrever a realidade do português do Brasil com vistas a identificar fenômenos fonéticos, morfossintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos característicos da diferenciação ou definidores da unidade lingüística no território nacional” e “estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tomando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas lingüísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados (Cardoso et al., 1998:11)”.*

Pois se nos desviarmos dessa linha mestra, correremos o risco de elaborar um Atlas Lingüístico do Brasil cujas partes, em vez de representar uma descrição sistemática das variedades lingüísticas brasileiras através de critérios uniformes e rigorosos, revelarão abordagens parciais conforme as óticas particulares dos pesquisadores da equipe.

Parece-nos que a melhor forma de se desenvolver os trabalhos do Alib sem perder de vista a unidade no projeto, é promover constantes discussões entre os pesquisadores e ter objetivos de trabalho bem definidos nos quais a equipe toda deve se pautar. Esse tem sido o método utilizado pelo Comitê Nacional nas atividades do projeto: abre-se espaço para as discussões de natureza teórico-metodológica as mais variadas e aceitam-se sugestões e críticas vindas de todos os participantes. No entanto, tem avaliado criteriosamente as propostas e sugestões que possam comprometer a unidade do projeto ou descaracterizar seus pressupostos básicos.

Nosso principal objetivo, neste trabalho, foi apresentar à comunidade científica resultados das discussões promovidas durante o “*Workshop Sobre Técnicas e Métodos de Trabalho de Campo para Preparação de Inquiridores para o Atlas Lingüístico do Brasil*”, realizado em Salvador, de 6 a 10 de setembro de

1999, pelo Comitê Nacional do Alib. Em segundo lugar, buscamos apresentar a importância das discussões teórico-metodológicas que se iniciam no âmbito desse projeto. Essas discussões, além aproximar os pesquisadores da equipe e definir os *caminhos e perspectivas* pelos quais seguiremos, proporcionou aos bolsistas de iniciação científica oportunidade de realmente se iniciarem na prática científica. O sucesso do evento parece inegável, pois já ficou decidido um novo encontro nacional da equipe do projeto Alib a ser realizado na Universidade de Londrina no 1º semestre de 2000.

### Referências bibliográficas

- Aguilera, V.A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- Aguilera, V.A. *Atlas lingüístico do Paraná*: apresentação. Londrina: UEL, 1996.
- Aguilera, V.A. *O linguajar paranaense*: um estudo do léxico rural. Trabalho apresentado como requisito para elevação a professor associado da Universidade Estadual de Londrina, 1997.
- Aguilera, V.A. *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.
- Cardoso, S.A.M. O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In: Aguilera, V.A. *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.
- Cardoso, S.A.M. et al. *Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador, 1998.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil*: questionários. Londrina: UEL, 1998.
- Labov, W. *Principles of linguistic changes*. Cambridge: Blackwell, 1994. V.1.
- Moreno Fernández, F. Geografía lingüística y variacionismo. Montesinos, [19--].
- Pontes, I.; Aguilera, V.A. Questionário geolingüístico: uma proposta de reorientação metodológica. *Estudos Lingüísticos. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, 28:238-244, 1999.
- Radtke, E.; Thun, H. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. *Cadernos de Tradução - Instituto de Letras*, Porto Alegre, n.5, 1999.
- Zágari, M.R.L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: Aguilera, V.A. *A geolingüística no Brasil*: caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

Received on July 06, 1999.

Accepted on February 25, 2000.